5.º Anno — Lisboa, 24 de Setembro de 1888 — Numero 5

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES: — Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo *(Beldemonio)*; Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; M. Mesquita; Pinheiro Chagas; S. de Castro; Silva Pinto; Thomaz Ribeiro; V. de Monsaraz; V. de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO: — *Chronica*, por Santilhana. — *A ultima viagem ingleza na provincia de Moçambique*, continuação, por Pinheiro Chagas. *Um retrato*, por D. Guiomar Torrezão. — *Os sorrisos artificiaes*, por Castor. — *As nossas gravuras*. — *Em familia (passatempos)*. — *A rir*. — *Um conselho por semana*. — *Pequena correspondencia*. — *Os dois amigos*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS: — *A fabrica das machinas Augsburg, em Augsburg* — *Marcos Cosmelli*. — *Cathedral de Burgos*. — *Allmayer*. — *A fabrica de faianças das Caldas*. — *Uma alameda do Bosphoro*. — *Torre de menagem de Vincennes*.

CHRONICA

Já ninguem falla de Boulanger, nem mesmo em Paris. O enthusiasmo pelo *pequeno Ernesto* hibernou com as andorinhas, não sabemos para onde. Agora, as massas populares, nos suburbios da grande capital franceza, já não pedem, voz em grita, para seu uso, para seu divertimento, para alvo das suas acclamações ruidosas, a linda barba loira ponteaguda do Boulanger general, do Boulanger plebiscitario, do Boulanger deputado e dictador. Agora, reclamam as cabeças dos *boulangers* (padeiros) de Saint-Denis, de Saint-Ouen e d'Argenton, que augmentaram desalmadamente o preço do pão.

Já não dizem que precisam de

Boulange, lange, lange.

O novo estribilho com que hoje atròam os ares, vendo que á volta do trabalho lhes falta o caldo com a sopa em casa, e que os filhos choram esfaimados, é outro:

C'est du pain, du pain, du pain,
C'est du pain qu'il nous faut.

E na sua berrata, e no seu desespero immensamente legitimo, vão-se ás padarias, apedrejam-n'as, quebram tudo, inscrevendo sobre as portas: «*Morte aos padeiros!*» como os republicanos de 1848 inscreviam sobre as paredes das Tulherias: «*Morte aos ladrões!*»

E' a revolução da fome, a peior e a mais nefasta de todas as revoluções.

Mau symptoma este!

Os *Châtiments* de Victor Hugo e a *Lanterne* de Rochefort já não ateiam revoltas em França. Foi tempo. Tudo isso não passa de palavras. Podem tambem os ministros agitar-se, os fundos baixar, os jornaes fazer phrases, os deputados fazer discursos, que nada d'isso tem consequencias. Mas quando um punhado de homens famintos, sem pão, vem para a rua, e arromba as portas dos celleiros, e apedreja as montras das padarias, e põe tudo a saque, engrossando-se com outro magote de esfaimados, e com outros, e com muitos—mulheres, velhos e creanças—então, sim, então é que é para temer um cataclysmo. Sobre tudo se, no exercito desordenado de miseraveis que protestam, as mulheres teem representação numerosa, berrando como possessas e excitando o homem á pilhagem e ao assassinio.

Bem entendido, eu estou fallando do que succede, do que virá ainda a succeder em França, se os padeiros d'Argenton, do Indre e de Saint-Denis não se humanisarem.

Cá entre nós, o preço do pão subiu e póde continuar a subir, até que só aos ricos seja permittido affrontal-o, e ninguem se importará com isso, ninguem se lembrará de fazer revoluções por *tão pouco*. E mesmo que alguem se lembrasse, lá estava o sr. Mariamo, que tem elixires e mézinhas para tudo, a salvar a situação e a apaziguar as massas, fazendo-se padeiro, como o diabo se fez frade!

*

Dialogo colhido em casa d'um padeiro das nossas relações, entre marido e mulher:

Ella.—O' Aniceto, olha que os freguezes começam a queixar-se: é preciso que voltes a diminuir o preço do pão.

Elle.—Pois que tenham paciencia; já diminui no pezo, e não se pode fazer tudo n'um dia!

Esta anedocta, por si só, synthetisa bem a honradez do commercio d'aquelles patifes

Mas nós não temos nas veias o sangue quente da classe operaria de Saint-Ouen, e vamos pagando, comendo menos e peior.

Depois, em boa verdade, que nos importa a nós o pão, essa pequenina bagatella, se vamos dentro em pouco extaziar-nos diante d'um bello porto—o melhor do mundo—diante d'uma vistosa e phantastica ponte aerea, diante d'uma extensa e audaciosissima ponte sobre o Tejo?

O pão ha de ainda passar de moda, como tanta outra coisa

de rire, como dizia Rabelais. Vivamos pois satisfeitos, e nada de inquietações nem de sobresaltos, que a vida é coisa de dois dias.

Os theatros vão abrindo, hoje um, amanhã outro.

O da Trindade, vistosamente alindado por fóra, e prudentemente precavido por dentro contra a invasão dos incendios, já accendeu os lustres da sua sala elegantissima, e já quebrou, com as primeiras symphonias, o silencio tristonho das ferias veranescas.

S. Carlos abrirá d'aqui a um mez, dando-nos a Pasqua, a famosa Giuseppina Pasqua, movel encantador d'aquellas vivissimas guerras do alecrim e da mangerona, feridas ha annos entre a mocidade dourada do dilettantismo lisboeta.

Theodorini, essa não vem, que já se ia tornando chronica e massadora. Anda lá pelas confins da Roumania, sua patria, avigorando a voz um pouco enfraquecida nos excessos lyricos da *Gioconda* e varios outros.

Em compensação, tornaremos a ouvir a pequenina Regina, que está em Paris, engastando, pelo estudo, novas perolas á sua corôa de artista, e ouviremos a Van Zandt.

Na fileira dos homens, promettem-nos Migliori, um tenor de futuro, Degenne, Signorini, Mattia Battistini, annunciado como o successor de Cotogai, De Bernis e Brogi.

Sobre este ult'mo, temos umas apprehensões muito exquisitas. O homemsinho era um afamado barytono, dizem, e passou a ser um tenor excellente, de operas ligeiras.

Que demonio! Se elle tivesse sido um tenor de fama, e passasse, pelo decorrer dos tempos, a ser um barytono famoso, percebia-se. Mas perder a vaz mascula de pae nobre, substituindo-a pelo timbre aflautado d'um Armand Duval, ou d'um Genaro, ou d'um D. José da *Carmen*... custa-nos a comprehender.

Por mais que nos digam, Brogi, depois de ter sido barytono, foi eunucho. E se o não foi, parece-o.

Annunciando a abertura dos primeiros theatros, como guarda avançada que convida a envergar o *pardessus* e a vestir flanellas confortativas, cahirem já nos *trottoirs* as primeiras chuvas outoniças. Estamos pois proximos do Natal e da invernia. Os *cottages* de Cintra começam a despovoar-se; o campo começa a entristecer e a paizagem a vestir-se de tons carregados, a cobrir-se de luto pela morte do sol, do querido sol luminoso e quente, que a beijava com amor enthusiastico e expansivo.

Agora, a bella plastica das nossas elegantes exhibe-se nas praias, menos vestida do que nos campos, é claro.

Não sabemos se alguma d'essas formosas elegantes enviou a sua photographia ao concurso de Spa, onde, no dia 8 de setembro, havia já mais de 1.500 pessoas inscriptas—um numero superior ao dos bravos do Mindello. Mas conhecemos alguem que poderia concorrer ali com vantagem, segura de lher ser conferido avultado premio, pela alvura lactea da sua pelle setinosa, pelo contorno elegantissimo da sua cabeça petulante e altiva como as das estatuas gregas, pelo desenho correcto das suas pequeninas mãos de princeza, brancas e distinctas, pelo poder fascinador do seu olhar, onde revolteiam mundos de luz e se reflecte uma formosa alma de creança boa.

Mas essa, cujo nome eu não te descubro, esse refinamento da belleza humana e da formosura ideal, não concorre, não vae lá; esconde-se na sombra, meio afastada do bulicio do mundo. E quando lhe segredam que é formosa, duvida, entre-sorrindo, ella, a mais encantadora das mulheres!

Queres que te diga o seu nome, leitora? Pois não digo; adivinha.

Quem sabe mesmo se serás tu!...

*

Olha: se ao concurso fossem admittidos homens, bem sei eu quem ia lá:—o sr. Beirão.

SANTILHANA

A ULTIMA VIAGEM INGLEZA NA PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

ga, Alma grande e coração a largo. La propre de l'homme est [illegible] pas grand, [illegible]

«Inhambane, diz elle, a 249 milhas a nordeste de Lourenço Marques, é outra das bellas estações da costa oriental. E' uma das caracteristicas cidades africanas que se encontram em pittoresca variedade por esta costa, e em mais parte nenhuma no mundo. O pequeno estabelecimento está construido nas praias arborisadas de um espaçoso estuario. Abrigam palmeiras todas as casas, que estão pintadas de varias côres, e que teem tectos de colmo. A egreja, encimada com uma cruz, é, como em todos os portos portuguezes, um bom edificio. A religião de Portugal é, como a sua gloria, uma tradição. E' mais facil em Lisboa obter uma audiencia do rei, do que obter entrada n'uma egreja em dias de semana; mas na Africa Oriental o bispo de Moçambique é saudado pelas baterias com tantos tiros como um principe da casa de Bragança.»

Conta depois que a casa principal de commercio em Inhambane é Netherlands Dutch, que não se encontram ali nem Allemães, nem Inglezes, mas que o commercio está quasi todo nas mãos de subditos britannicos, esses Indios conhecidos em Moçambique pelo nome de *baniames*, e que vêem pela maior parte de Bombaim.

Descreve depois pittorescamente Inhambane—o seu quartel com uma sentinella preta á porta, e os officiaes portuguezes, *quasi tão pretos como ella*, á janella, e mais adeante a escola, onde uns cincoenta pequenos de varias côres, mais ou menos escuras, resmungam uns monosyllabos portuguezes, emquanto o mestre olha tambem distrahidamente pela janella. Nota que o cheiro do sitio, as palmeiras, o azul ferrete do ceu, a athmosphera pezada, o aspecto das negras, tudo lembra um quadro africano ou tropical, tanto mais que se ouve ao longe o som monotono dos barqueiros a puxarem para terra as canôas cheias de negros, o toque das cornetas da tropa portugueza tão constante que parece que Inhambane tem uma guarnição que não é inferior a Nancy, e uma musica suave e triste, que vem da cadeia, onde os presos pedem, como em Cintra, que Bodley, ao que parece, conhece perfeitamente. Estavam os presos tocando um instrumento de madeira a que os Inglezes chamam *piano-cafre*; queriam vendel-o, mas não o podiam passar pelas grades.

Seguira depois para Chiloane, e conta, com as qualidades incontestavelmente pittorescas do seu estylo, a sua viagem por entre o matto para chegar áquella povoação. Admira a riqueza da vegetação, os boobahs, as bananeiras e as palmeiras, a belleza dos passaros vermelhos e dos insectos, o que ha de voluptuoso na viagem em *machila* ás costas dos negros que vão cantando umas canções evidentemente humoristicas, a passagem por entre os *Kraals* dos pretos, cujas mulheres cumprimentam cortezmente o viajante, pondo o cotovello direito na mão esquerda. Nota que os portuguezes em Chiloane são tão negros que não se distinguem dos pretos senão pelo fato, e observa ainda que vio um *cafre* de uma pelle tão branca e de cabello tão loiro que nem por sombras se poderia confundir com um Lusitano.

Ora! valha-o Deus! muita tolice diz sempre um viajante, por mais illustrado que seja, quando se mette a descretear sem investigar muito pausadamente. Estes Portuguezes, que elle mal distinguio dos pretos, são os *canarins*, que abundam, como é sabido, na Africa Portugueza, mas que são portuguezes de nacionalidade e não de raça; e o tal cafre branco era naturalmente filho de Portuguez, nascido em Africa.

Diz elle tambem, e isso acreditamos nós, que uma povoação portugueza em nada differe de uma aldeia indigena, e que as casas que teem melhor apparencia são as que pertencem aos baniames.

Fallando tambem no Gungunhana, cujas terras estão n'aquella latitude, cita a residencia, junto do chefe negro, do sr. Casaleiro Rodrigues, e, repetindo algumas patranhas que os intriguistas do sitio lhe metteram na cabeça, diz que os Portuguezes pagam a Gungunhana, a titulo de subsidio, um enorme tributo!!

Esta noticia absolutamente falsa, lá está correndo mundo, tanto mais que é espalhada por um escriptor cujos artigos se lêem com verdadeiro prazer; e o desmentido é que não apparece. Pois este artigo sabemos nós com absoluta certeza que foi lido pelo actual ministro da marinha e dos negocios estrangeiros, o sr. [illegible] Não parece a s. ex.ª que seria de enorme vantagem que tão errada affirmação se desmentisse nos jornaes inglezes? Com uma pequena despeza ou talvez sem despeza, no [illegible]

Quaqua, em cujas praias baixissimas estão milhares de garças e outros passaros, e ás vezes apparece um hyppopotamo. Ha poucos navios, uma canhoneira portugueza, e uns poucos de pangaios arabes de aspecto pesado, n'alguns tremulando a bandeira ingleza e n'alguns o estandarte carmezim do Sultão de Zanzibar. A cidade é do padrão costumado—um renque de casas pintadas de azul ou de branco, com uma egreja no centro, orlando a praia, e altos coqueiros tremulando por cima dos tectos, que são aqui de ricas telhas encarnadas. As canôas pertencentes ás authoridades e aos principaes mercadores são umas galés imponentes, com dez remadores indigenas de fatos estranhos, sentados aos pares, peito a peito, e cortando a agua com curtas e fortes pançadas, com acompanhamento de um canto selvagem. Aqui é que não ha duvida ácerca da *malaria*; a athmosphera é pesada, as nuvens baixas estão carregadas de vapores oppressores, e até os indigenas teem um ar abatido quando se estendem na areia. O governador recebe-me com grande amabilidade, mas ha uma oppressiva sombra de tristeza em volta da sua linda casa. Diz-me que sua mulher está em grande afflicção; dois dias antes levára a febre, rapidamente quasi, a unica senhora portugueza que havia na terra, a mulher do seu secretario, que era nova e bonita, e a pequena communidade portugueza estava morrendo a razão de tres por dia.»

Fallando ácerca do pequeno numero de mulheres européas que ha na Africa oriental, diz o sr. Bodley que conheceu em Quilimane uma senhora hollandeza, que era lindissima, e que lhe deu o grande prazer de lhe tocar sonatas de Beethowen n'aquelle meio onde, a respeito de musica européa, não se ouve habitualmente senão «a traducção africana apresentada ao domingo pela banda negra do regimento.»

Em casa de um negociante francez de Marselha, que tem a melhor casa de Quilimane, jantou o sr. Bodley excellentemente, segundo diz, accrescentando que são admiraveis, debaixo da direcção dos *cordons-bleus* francezes, os cosinheiros pretos. E a proposito d'isso contaremos um facto curioso. Dizendo que o serviço domestico dos Africanos começa cedo, diz o sr. Bodley que quiz *comprar* um pequeno preto de quatro annos, e não lh'o quizeram vender, porque já era companheiro do filho da casa, ao passo que outro preto de sete annos já era perfeitamente um creado.

Comprar!! Um inglez queria *comprar* um preto em Quilimane e vem declaral-o no *Blackwood's Magazine*. Bonito anti-esclavagismo! Elle lá o diz com todas as letras *Iwanted to purchase at a store a most attractive little black fellow aged four!*

«Moçambique, diz ainda o sr. Bodley, capital da provincia, é talvez a unica cidade portugueza limpa, que existe, e consta de um pittoresco grupo de casas vermelhas e azues, apinhadas n'um banco de coral por baixo de um céu de azul ferrete, que raras vezes se vê em tropicos. O porto está cheio de pangaios, entre os quaes teem um imponente aspecto dois vapores inglezes fundeados. E' muito difficil distinguir a distancia as bandeiras do nosso serviço mercante, da bandeira vermelha de Zanzibar, porque ambas são frequentemente tremuladas pelos pangaios. E' uma dôr de alma que os nossos navios, tanto mercantes como de guerra, não possam tremular uma bandeira nacional tão distinctiva como a tricolor franceza e as as estrellas americanas. Duas canhoneiras portuguezas, que alli estão, teem boa apparencia; mas durante o tempo todo que eu estive em Moçambique, não deram signal de vida, e diz-se que as tripulações nunca fazem exercicio. Ha pouco tempo veio noticia de uns motins na costa, e deu-se ordem a uma d'ellas que fosse ao logar da scena, mas nem sequer poude fazer vapor, porque se acharam as machinas perfeitamente incapazes quando se tratou de cumprir a ordem. Apezar d'este incidente ser caracteristico dos Portuguezes, em que elles certamente nos envergonham é no que diz respeito ás habitações dos governadores africanos. O palacio do governador geral de Moçambique tem o dobro do tamanho das habitações modestas dos nossos governadores do Cabo e do Natal, e é ao mesmo tempo uma bella habitação antiga.

Aqui ha varias importantes casas de negocio inglezas e allemãs: mas aqui tambem quem domina o commercio são os Indios. O conteúdo dos seus armazens provém principalmente das manufacturas inglezas; macios objectos de seda, por exemplo, que tentam os viajantes como especimens de obras indianas, e quando se examinam vê-se que teem a marca de Manchester.» [illegible] senta-se aquelle frio desdem dos

dade n'estas observações, o que não as impede de serem irritantes. Não se tolera facilmente esta *persiflage*, como dizem os Francezes, este tom impertinente com que fallam a nosso respeito ainda os mais moderados dos Inglezes: tanto mais que elles apontam os effeitos sem conhecerem a causa. Parecem ignorar que Portugal é um paiz de limitadissimos recursos, e que apezar d'isso se vê obrigado a sustentar um immenso imperio colonial. Não se deve admirar portanto se não podemos ter em Moçambique os estabelecimentos de reparação naval que a Inglaterra tem no Cabo; e, se as nossas tripulações não são exercitadas a miudo, é tambem certo que fazem um serviço bem mais frequente e mais duro do que as tripulações inglezas da divisão do Atlantico.

PINHEIRO CHAGAS.

UM RETRATO

(A proposito de um livro de Loti)

——

. . . . . .

—Leia as primeiras 27 paginas de Pierre Loti, disse-me alguem; leia-as com attenção, são o retrato d'ella!

E eu, que em vão tentára decifrar a Esphinge, cujo olhar de um azul argenteo tinha, simultaneamente, a placida limpidez de um lago, esmaltado de nenuphares, e a profundidade de um oceano, cavado de tempestades; eu, que não conseguira nunca entender esse ente complexo e fantastico, caminhando ás vezes como as divindades antigas, em um sonho estrellado, outras descendo da sua torre eburnea para destrinçar entre os dedos esguios um *potin* mundano; eu, que me sentira, successivamente, attrahida e aterrada por esse bello marmore, frio e rectilineo, parecendo guardar na sua algida rigidez a vibrante palpitação de uma sensibilidade latente, por esse marmoreo coração de mulher, fechado para sempre sob a lousa de um tumulo; eu, que experimentei, alternadamente, a violenta e quasi dolorosa fascinação proveniente do encanto suggestivo do seu sorriso enigmatico, do seu olhar acariciador, e o duro choque produzido pelo attrito de um orgulho selvagem contra um orgulho feroz; eu, que adorei o divino dom da graça que a envolve, e me revoltei, altivamente, contra o dominador prestigio do seu grande ar desdenhoso, eu apoderei-me, com a avidez, dos *Propos d'exil* de Loti e arranquei-lhe, nervosamente, um feixe de paginas, como quem arranca a um oraculo a palavra de um destino.

Eil-as, essas paginas finamente coloridas.

Reflictam ou não o contorno da sua physionomia, estranhamente ondeante, não deixarão já agora de representar para mim o livro preferido, aquelle onde guardamos, religiosamente, o esqueleto de uma flôr murcha..

A sua habitação parisiense era nos Campos Elyseos.

Foi ahi que a vi frequentes vezes, assentada no seu logar favorito, em uma especie de pequeno sanctuario que Lee arranjara para seu uso, ao fundo de uma sala oval do rez do chão, no abrigo das palmeiras que formavam como que uma barreira inpenetravel á claridade do dia.

Logo á entrada, aspirava-se um suave aroma do Oriente.

Assim que nos abriam as primeiras portas, avistava-se, atravez dos reposteiros levantados, ao longo das salas guarnecidas de objectos raros, collocados com um fino gosto caracteristico, a sua cabeça erguida, emmoldurada com cabellos côr de oiro russo. Ao conhecer a pessoa que entrava, retomava a sua attitude um pouco reclinada, acolhendo o recem-chegado com o seu sorriso amavel para os indifferentes,—franco e suave para os intimos.

No phisico, como hei de pintal-? [illegible]

Distincção suprema e innata.

Alta, esbelta, direita e ondeante ao mesmo tempo, caminhando como as rainhas que sonham, a fronte flexivel, a cabeça [illegible] de um contorno [illegible]

E dois olhos que pareciam *alumiar*, olhos de um azul cinzento, ou antes de uma côr tão cambiante como a do mar, mudando a cada instante, consoante a variedade dos sentimentos que exprimiam. Olhos que, por vezes, se dilatavam, como para fitarem profundamente e sondarem os ultimos refolhos da alma; que podiam tornar-se duros como aço, em certos momentos, quando desaprovavam, quando não amavam; ou que se faziam infinitamente bons, infinitamente doces; que riam tambem, a espaços, um riso delicado, quando lhe appetecia dizer uma creancice, um gracejo attenuado e compadecido, uma phrase extravagante e imprevista, de que só ella possuia o segredo...

E, não raro, esses olhos immobilisavam-se, por fadiga, em uma indifferença absoluta, que muitos interpretavam á conta de desdem e que intimidava horrivelmente.

Um dos seus amigos, um academico, se bem me lembro, dissera-lhe um dia:

«Era capaz de fazer o seu retrato superficial com quatro adjectivos: orgulhosa, elegante, indifferente, intelligente.»

E assim foi sempre á superficie!

Tendo aspirado, a proposito de tudo, a um ideal inacessivel, desilludida, em virtude de querer descer até ao fundo das coisas, enfastiada da vida, saciada de homenagens, occultára, pouco a pouco, a sua alma sob essas apparencias.

Se se tratasse de fazer, tambem com quatro adjectivos, o seu verdadeiro retrato, o retrato escondido pela mascara mundana, eu diria: «Recta, corajosa, nobre, finissima.»

Recta e franca como poucas mulheres o sabem ser, ignorando absolutamente os mil pequenos ardis femininos, as agitações banaes, os rancores mesquinhos, vivendo mais alto do que tudo isso; amiga estavel e segura.

Leal e honesta, até nos primeiros impetos irreflectidos do pensamento. Tendo, por vezes, a palavra um pouco aspera e breve, quando aconselhava, quando censurava, diligenciando sempre encaminhar os seus amigos para o que se lhe afigurava bom e nobre.

Corajosa, tanto como um homem de coração.

Corajosa em face da morte prevista e proxima, lutando braço a braço contra a negra visitadora, por dedicação á vida, mas sem uma queixa, sem uma alteração na serenidade do sorriso.

«Não é verdade, escreveu-me ella uma vez, que o medo é uma cousa absurda e inutil?

Corajosa, até mesmo para as pequenas e fastidiosas decepções quotidianas.

E finissima em tudo, no seu espirito, na sua linguagem, no seu aspecto, até nas pessoas e objectos de que se rodeava.

Attrahida para quanto é bello ou encantador no mundo visivel, gostava naturalmente de todos os refinamentos da elegancia.

E sem deixar de submetter-se ás convenções e obrigações sociaes, que constituem toda a existencia e razão de ser de certas creaturas, reservára-se o direito de desprezal-as soberanamente.

Insurgia-se tambem contra as idéas modernas, contra as theorias egualitarias e tudo que se designa, genericamente, sob o qualificativo de progresso; e nem um segundo deixou de ser fiel ao culto dos grandes passados enterrados, ao respeito das memorias, das tradições, das religiões.

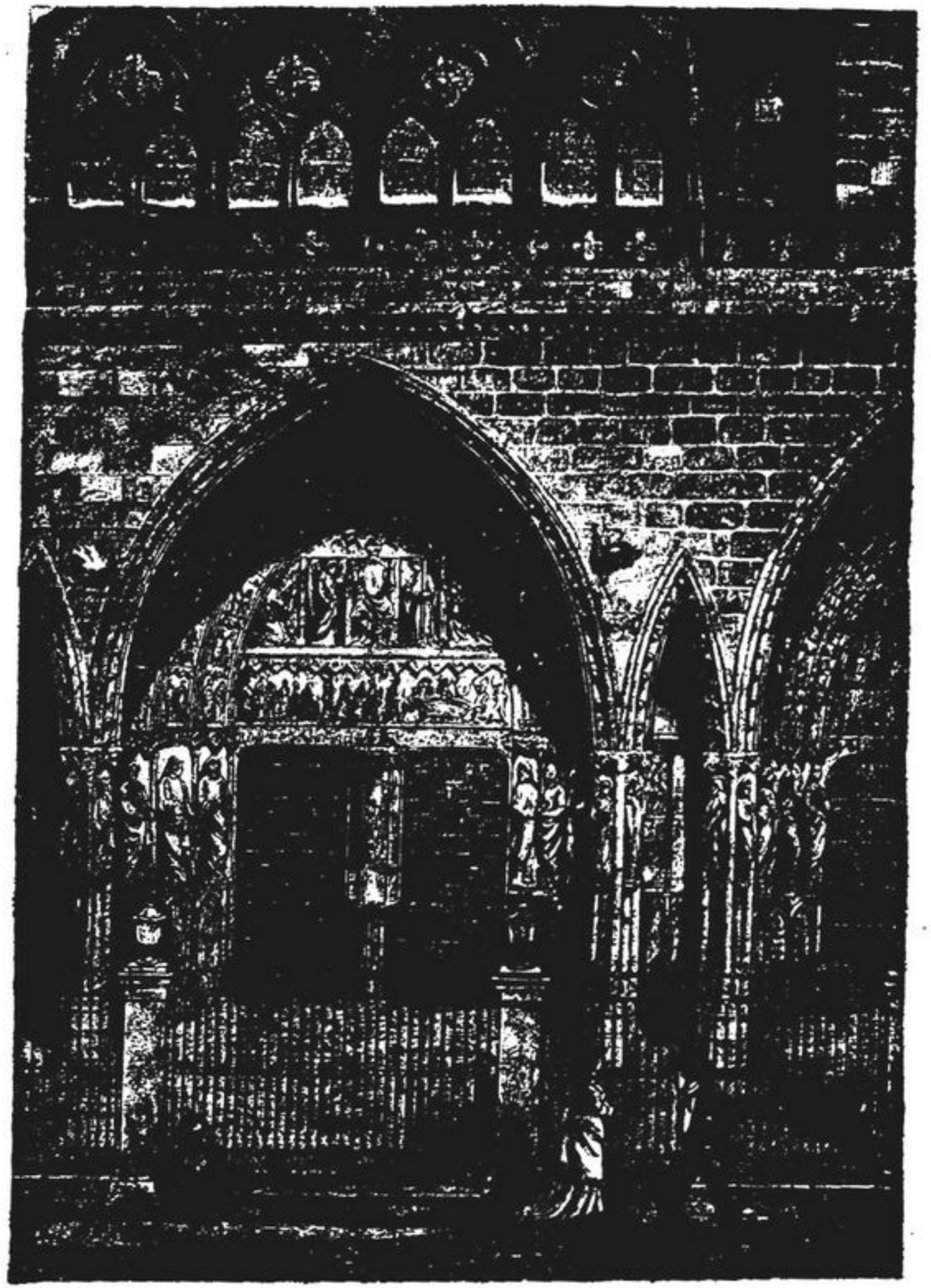
A extrema actividade do seu espirito como que revelava o desejo de comprehender, ou pelo menos de avistar, antes de morrer, todo o conjuncto dos conhecimentos humanos.

Relacionada com intelligencias superiores, attrahindo-as pelo seu encanto grave, lendo tudo que se publicava de mais notavel na Europa, vivia na corrente intellectual mais elevada, na esphera que poucas mulheres attingem.

Escrevia de uma maneira rara e adoravel. Como era encantador tudo que ella dizia; profundo e nobre a ponto de confortarnos nas crises de desalento;—ou simplesmente espirituoso, de um espirito subtil e do melhor tom, sempre puro e sempre casto!

Uma vez escreveu, para distrair-se, a narração de uma das suas viagens ao Oriente, que se publicou no [illegible] *mundos*; em seguida, um volume intitulado: *Um inverno no Cairo*

MARCOS COSMELLI



CATHEDRAL DE BURGOS

ALLMAYER

gulhar-me-hia em tal caso de fazer-lh'o ler. Mas o Oriente, ao sr., a Loti—apresentar-lhe isso—nunca!»

Quando o seu espirito repousava, eram os seus dedos que trabalhavam. Bordava a matiz e a oiro deliciosamente. Tocava magistralmente,—a sua execução assimilhava-se á de Rubinstein, poetisada pelo gosto individual;—o piano extenuava-a, mas era arrebatador ouvil-a...

Na minha memoria ficará gravada a visita que lhe fiz em março de 85, no momento de partir para ir reunir-me em Formose á esquadra do almirante Courbet.

Tinha ido a Paris para lhe dizer adeus.

Desde os primeiros dias do inverno ella deitara-se, para nunca mais se levantar.

Era o advento da tremenda luta final contra a morte, do longo martyrio.

Assim esteve quinze mezes, prolongando a vida á força de energica vontade e de morphina, calma, estoica, tendo sempre para aquelles que lhe eram caros a sua graça incomparavel, o seu sorriso affectuoso.

Quando entrei no quarto, vi, repousando no travesseiro, na sombra das cortinas azues, a sua fina cabeça, tão correctamente penteada como em um dia de recepção: fizera toilette, tinha os seus braceletes e anneis, como uma pessoa que não quer confessar-se vencida, que não se deitou senão em resultado de uma ligeira fadiga.

De joelhos, junto do leito, estava a sua amiga, a duqueza de R***, segurando-lhe com a mão na cabeça loira. Não esquecerei nunca o grupo d'essas duas mulheres...

No quarto, de uma simplicidade risonha, muitas flores e uma temperatura suave, habilmente arranjada.

Pela janella entrava o sol de inverno.

—Fallem ambos, disse-nos ella; a mim prohibiram-me de fallar. Limitar-me-hei a fazer signaes, quando digam cousas notaveis...

A' saida, a duqueza murmurou:

—Não tornará a ver a sereia.

A palavra *sereia*, na acepção de *charmeuse*, penetrou-me no espirito, por tal maneira ella synthetisava essa moribunda ideal, pallida, com grandes olhos azues cinzentos e cabellos de ondina,—e essa voz, apenas perceptivel, vibrando interiormente, musica extincta, attraente, como que resoando de longiquas parageus mysteriosas...

GYOMAR TORREZÃO

OS SORRISOS ARTIFICIAES

Ha pessoas que desadoram as gargalhadas estridentes, e nós comprehendemos isso. As gargalhadas francas deformam a physionomia, tornam a gente feia. O mesmo não succede com um sorriso gracioso, delicado, discreto.

Desgraçadamente, os sorrisos authenticos são rarissimos. Por um verdadeiro, ha mil artificiaes e ficticios.

O sorriso da bailarina, por exemplo, é um sorriso essencialmente mecanico. Quando as pernas começam a mover-se, a agitar-se no tablado, os cantos dos labios levantam-se, tornando a cair logo que o corpo repousa. Parecem movidos por um fio invisivel.

Não sabemos se esse sorriso fatiga quem o exhibe, mas a verdade é que é extraordinariamente fatigante para aquelles que o veem. Deixa-nos a impressão d'uma caimbra.

Se estivessemos apaixonados por uma bailarina, calamidade de que Deus nos defenda, dir-lhe-hiamos supplicantes:

—Por tudo quanto ha te peço que me não sorrias nunca!

*

O sorriso dos medicos. Ahi está um, de que ninguem desconfia. Tomam-n'o sempre como o mais franco, o mais puro, natural e correcto dos sorrisos.

—Então, doutor, parece-lhe que isto vae bem?

—Perfeitamente.

—E estas pontadas impertinentes que me não deixam socegar?

—Não valem nada.

—E a difficuldade de respiração?

—Hum... Não tenha medo que ainda não morre d'esta.

E o doutor, n'este ponto do dialogo, sorri, fazendo phrases de espirito, que animam o pobre doente.

A' sahida, muda de physionomia e diz baixinho para um dos amigos do moribundo:

—Está perdido. Pode ir predispondo a familia.

*

O sorriso d'um sujeito que cae no meio da rua. Conhecem nada mais comico?

O pobre diabo escorrega n'uma casca de laranja que encontrou sobre o *trottoir*, e catrapuz! Dá um trambolhão tremendissimo. Escangalha os rins, faz um gallo na testa e esfolla os joelhos. Correm todos para o soccorrer, levantam-n'o. Elle faz signal, sorrindo, de que não é nada, de que não vale a pena tamanho incommodo.

No entanto, sente-se tolhido de dores, o seu chapeu está feito n'um bolo, escorre-lhe o sangue das mãos. Mas o desgraçado continúa sorrindo.

Perguntam-lhe:

—Você maguou-se?

E elle responde «que não».

Tenta seguir o seu caminho, e não póde, mas vae sempre dizendo que não é nada, vae sempre continuando a esboçar o seu sorriso contrafeito, que mais parece uma careta.

*

O sorriso do sujeito que se está photographando:

—Colloque-se muito naturalmente, diz-lhe o photographo. Um pouco mais para a esquerda... Isso mesmo. A cabeça bem levantada. Assim. Agora, só tenho uma coisa a recommendar-lhe: Não esteja com esse ar tristonho e carregado. Procure sorrir.

—Mas como, se não tenho motivo algum para isso?!

—Não importa; faça um esforço. Pense em coisas alegres... em sua esposa, nos seus meninos, no chefe da sua repartição... Imagine que lhe sahiu a sorte grande... Isso mesmo... Assim... Agora não se mexa!

—Acha que estou alegre?

—Sim, senhor, mas não se mexa. Prompto.

D'ali a pouco o artista solta-lhe esta phrase consoladora:

—Está magnifico!

Tres dias depois, o sujeito recebe a prova do retrato. Encontra-se desfigurado por um rictus estupido. Tem o ar d'um idiota: está medonho!

*

O sorriso dos lojistas.

Desabrocha sobre os labios mal nos approximamos do balcão.

—O que deseja v. ex.ª?

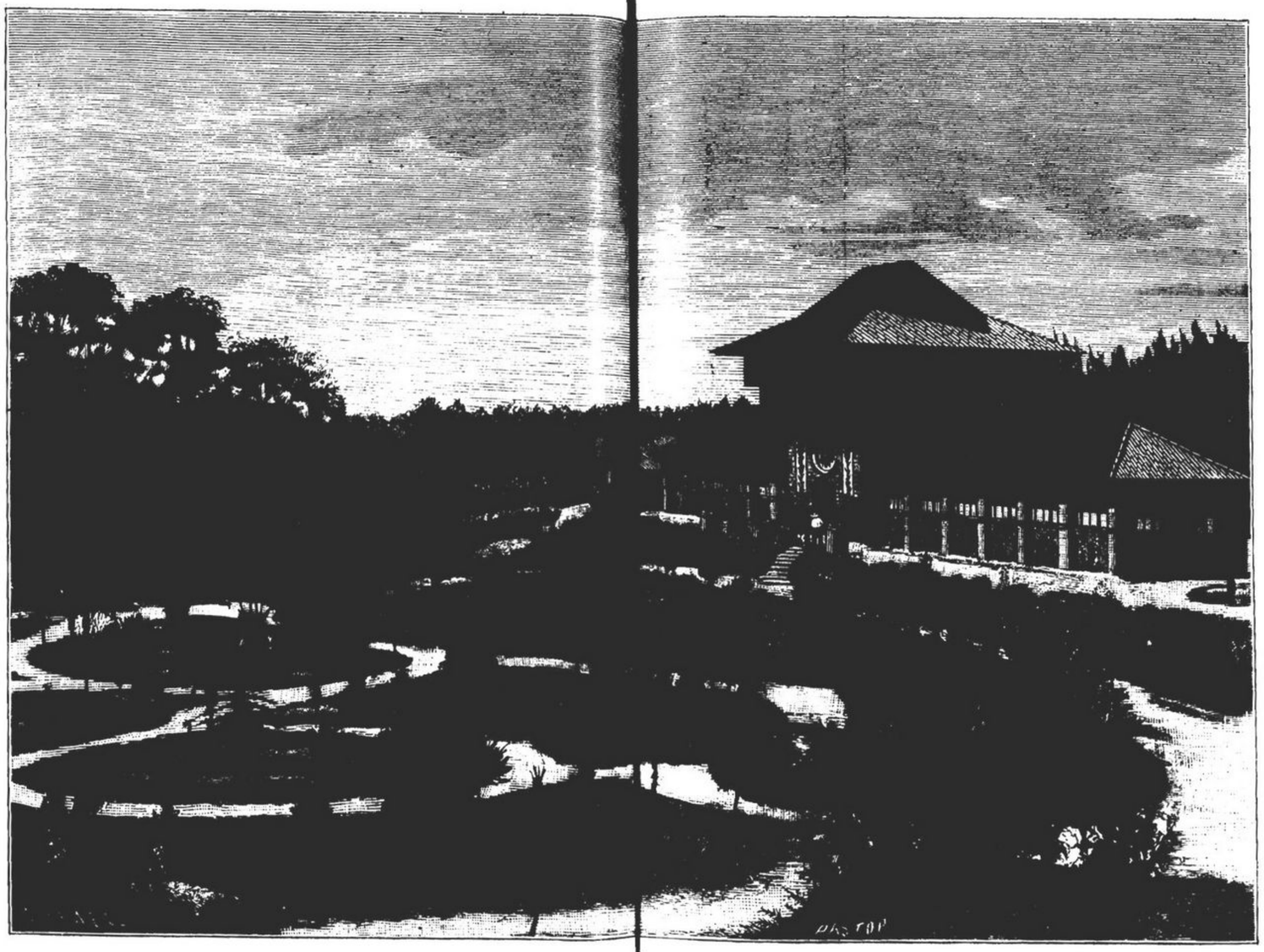
E o bom sorriso amavel persiste, acompanhado de palavras melifluas, emquanto escolhemos a fazenda. E só deixa de brincar nos labios quando dizemos:

—Não ha nada que nos sirva. Queira desculpar o incommodo.

*

O sorriso d'um recem-casado:

—Estou filado! diz a *victima*, emquanto os convidados desfilam na sacristia. Agora é que já não ha remedio; não posso voltar com a palavra atraz! Com que ar de velhacaria me olhavam todos os amigos de meu sogro! *(N'este ponto, o desgraçado sorri para um sujeito encasacado, que não conhece e que lhe diz uma banalidade.)* E as mulheres! Essas parece que estão dizendo victoriosamente: «E' mais um!» *(Cumprimenta uma senhora que vem dar-lhe os parabens.)* E os paes de Glotilde! A sua alegria incommoda-me! Leio-lhes no rosto o prazer que experimentam por se terem visto livres da cara filha! *(Um militar*



A FABRICA DE FAIANÇAS DAS CALDAS

A NOIVA, *apresentando-lhe uma senhora muito gorda.*— A senhora D. Perpetua... em que tantas vezes te fallei...

ELLE, *com ar estupido.*—Bem me lembro, sim .. a sr.ª D. Perpetua... (*Sorri*).

A GEMDA.—Receba os meus mais calorosos parabens n'este grande dia...

ELLE—(*Sorrindo sempre, e áparte*). Demonios te levem!

*

Teriamos ainda a mencionar o sorriso dos reis e dos principes, dos ministros e presidentes de Republicas, dos deputados, quando qualquer eleitor os massa, e mil outros, mas não vale a pena.

Todos esses sorrisos teem uma grande analogia com o sorriso da bailarina, differindo apenas d'elle pela intermittencia.

Dizem que o sr. Sadi Carnot, presidente da Republica franceza, não desmancha nunca com o mais ligeiro sorriso a gravidade austera da sua pessoa. Preferimos isso aos sorrisos artificiaes e contrafeitos do resto da humanidade.

CASTOR.

AS NOSSAS GRAVURAS

A FABRICA DAS MACHINAS AUGSBURG, EM AUGSBURG

A nossa estampa representa a importantissima fabrica de machinas typographicas e de machinas a vapor, de Augsburg, fundada no anno de 1840, em Augsburg (Allemanha), por Ludwig Sander.

A área occupada pelo estabelecimento, é hoje de 3,20 hectares. Trabalham ali, constantemente, mais de 1:300 operarios. O seu activo, em valores inventariados, dos terrenos, edificios, força hydraulica das machinas, etc., representa a importante cifra de 4 1/2 milhões de marcos.

A producção annual da fabrica attinge o enorme peso de 3:800 toneladas de ferro, sendo 3:000 fundidas ali mesmo.

O numero de machinas construidas na fabrica, desde a sua fundação, é espantoso.

Este enorme movimento industrial, é distribuido por 42 officinas, das quaes a maior é a dos tornos, que tem 220 metros de extensão e 35 de largura.

A fabrica é illuminada a luz electrica.

As machinas typographicas de todos os generos, ali construidas, não teem rival no mundo.

A importante fabrica de Augsburg, é hoje propriedade d'uma Companhia riquissima.

MARCOS COSMELLI

Marcos Cosmelli, fallecido ha poucos dias, nascera em Lisboa, a 25 d'abril de 1802, na freguezia de S. Paulo, onde foi baptisado.

Filho de Bento Cosmelli, negociante, natural de Genova, e de D. Ignacia Joaquina Moreira, natural de Lisboa, recebeu n'esta cidade a sua educação, habilitando-se devidamente para os cargos importantes que um dia tinham de ser-lhe confiados.

Aos 23 annos, em 1825, casou.

Constituindo familia, entrára tambem na carreira burocratica, em que se distinguiu pelo seu zelo, aptidão e intelligencia.

Em 1827 era nomeado escrivão da provedoria do 5.º julgado, dando n'esse cargo provas de grande competencia e actividade.

Em 1833 sentou praça no 1.º batalhão do Commercio, onde se conservou até que os batalhões foram dissolvidos.

Continuou então desempenhando o cargo de escrivão, mas da administração do 5.º julgado, por ser essa a denominação que em 1836 tomaram as provedorias.

Em 1846, durante a revolução da Maria da Fonte, foi-lhe confiado o serviço de policia do seu bairro, com o qual teve violento e incansavel trabalho, pelas rondas a que tinha de satisfazer, serviço este em a defesa a rondar [illegible]

Em 1848 foi determinada a separação do serviço de fazenda, do serviço administrativo e policial.

Marcos Cosmelli optou pelo logar de fazenda do bairro d'Alcantara, que mais tarde se chamou bairro occidental, continuando no desempenho do cargo até setembro de 1886, em que foi reformado por seu pedido.

Durante o periodo da sua carreira de funccionario, desempenhou varias commissões de serviço, havendo-se em todas ellas com superior zelo e saber.

Marcos Cosmelli, agradabillissimo no trato, denunciando em todas as relações da vida uma educação esmerada e um espirito culto, soube angariar estima e respeitos, sendo por essa razão devéras sentido o seu passamento.

CATHEDRAL DE BURGOS

A nossa estampa representa a sumptuosa fachada da cathedral de Burgos, um dos monumentos mais antigos e notaveis d'aquella cidade.

A sua architectura, de estyllo mourisco, é muito similhante á que deixou assignalado o dominio arabe em Cordova, Granada e outras povoações de Hespanha.

A entrada da cathedral de Burgos, pela disposição das estatuas e dos baixo-relevos que a adornam, variedade e opulencias dos ornatos, póde rivalisar com o magestoso portico do nosso templo dos Jeronymos.

ALLMAYER

Damos hoje o retrato do famoso *escroc* francez, author de grande numero de roubos audaciosos, prezo ha poucos dias no Havre.

Pertence a uma familia parisiense o cavalheiro Allmayer e possue uma educação esmerada. E' bem parecido e elegante.

A sua primeira façanha consistiu em fazer seduzir a irmã por um tratante das suas relações, afim de conquistar um cunhado digno d'elle ou obter a sua parte na quantia que o pobre pae estipulou ao seductor para o decidir a abandonar Paris.

Outra proeza:

Estava um dia sósinho no escriptorio do pae, quando chegou uma carta registrada contendo valores expedidos a este por um negociante de Lyon. Allmayer abriu a carta, empolgou o dinheiro, partiu para Lyon e d'ali escreveu ao pae a seguinte carta:

«Meu caro senhor: sou um pobre velho militar, reformado e condecorado. Meu filho, empregado do correio, furtou, para pagar dividas do jogo, uma carta registrada, expedida pela casa X., de Lyon, á sua casa. Confessou-me tudo, impellido pelo remorso. Eu não posso, infelizmente, embolsal-o immediatamente, porque sou pobre. Reuni os meus parentes; contei-lhes o occorrido, e, se o sr. quizer ter a bondade de me conceder uma demora, pagarei tudo. Supplico-lhe que não lance a deshonra sobre um passado honroso, etc».

O velho Allmayer, condoido, pôz pedra no negocio.

Cançado de aturar as fajardices do filho, o velhote obrigou-o a alistar-se no exercito, esperando que a disciplina militar lhe modificaria os instinctos.

Durante os primeiros mezes tudo correu optimamente; ao cabo, porém, d'esse tempo, Allmayer, que era muito bem visto no regimento, introduziu-se em casa do seu capitão e fez mão baixa sobre uma porção de joias, que foi vender. Descobriu-se o roubo. Respondeu a um conselho de guerra e foi condemnado a cinco annos de prisão.

No presidio desenvolveram-se-lhe as faculdades inventivas. Uma vez, descobriram-n'o n'um sacco de papeis velhos, onde os camaradas o tinham ajudado a encafuar-se, transportando-o em seguida a um desvão, de onde lhe seria facil evadir-se. Valeram-lhe altas protecções, e ao cabo de cinco annos de pena, regressou o heroe á vida parisiense.

Entrou n'uma vida de alta bohemia, comendo e bebendo á grande, exercendo a escroquerie em alta escala, com varios amigos e consocios.

Ha dois annos deu-lhe para servir-se do telephone, imitando

os. Preso nos Campos-Elyseos, conseguiu evadir-se. Todavia, a policia logrou prendel-o d'ahi a algumas semanas e encerral-o em Mazas.

Um dia, no gabinete do juiz d'instrucção, onde fôra a interrogatorio, viu uma ordem de soltura em branco. Apoderou-se d'ella, encheu-a com o seu nome, poz lhe o carimbo do juiz e sahiu. A' porta mostrou a ordem ao guarda, e poz-se ao fresco.

O anno passado, nova *escroquerie*. A victima foi um tal M. Alfassa. Encheu a praça de Paris de lettras acceitas por aquelle individuo; e, como se realisassem diversas prisões de apresentantes de lettras, escreveu pelos jornaes uma carta ao Procurador da Republica, offerecendo-se para ir dar-lhes explicações, mas em troca de um salvo-conducto e garantia de esquecimento para o seu passado.

Descortezmente, a justiça calou-se, e agora acaba de lhe deitar a mão.

*

Conduzido, logo depois de ser preso no boulevard de Strasburgo, no Havre, ao Procurador da Republica, começou por accusar-se de um roubo de 20:000 francos, ha dias realisado e attribuido a outro individuo.—Não quero que um innocente esteja expiando as minhas culpas!... Generoso maroto!

Conta varias historias divertidas e, ao cabo de algumas horas, como o Procurador da Republica lhe pergunte:—Não tem vontade de jantar?—*Mais certainement, monsieur!*

Come com gosto, e ao fim do jantar queixa-se da falta de sobremezas.

Declara que tem pena de abandonar a Normandia n'esta estação. Gostava muito das paisagens!

—Nas não tem duvida, adverte muito delicado; apesar de eu sentir immensamente os incommodos da policia em minha procura, conto dar-lhe de novo esse trabalho d'aqui a uns oito dias. Sinto muito; mas não está mais na minha mão!

Conseguirá elle outra vez safar-se?

——

A FABRICA DE FAIANÇAS DAS CALDAS

Não se descreve o encantamento, que deixa no nosso espirito qualquer d'essas inolvidaveis visitas que todos nós, forasteiros submettidos ao regimem das thermas caldenses, fazemos á fabrica!

A attracção da fabrica do Bordallo possue-nos, logo que chegamos ás Caldas da Rainha.

Iriamos lá todas as tardes, se não receiassemos que Raphael nos dissesse todas as manhãs que o tempo, o precioso capital a que o seu talento arranca juros fabulosos, não é monopolio dos curiosos que veranêam, e sim propriedade dos artistas predestinados, que, como Raphael Bordallo, o trasformam em emprehendimentos utilissimos.

O anno passado, a fabrica causára-nos uma surpreza que julgáramos não poder ser excedida.

Este anno a surpreza foi substituida pelo deslumbramento.

Pelo deslumbramento, sim, e não ha na affirmativa o menor vislumbre de hyperbole.

O grande caricaturista, que gastou muitos annos e muitos quilates de talento, de fantasia e de originalidade em obras ephemeras como as folhas que o vento leva, firmou já hoje em bases solidas a perpetuidade do seu nome, pela fabrica, que é uma victoria ferida a golpes de audacia, de genio creador e de heroica e inabalavel perseverança sobre a velha rotina da industria nacional, e pelas esculpturas do Bussaco, que são uma obra prima.

O fino e gracioso lapis de Raphael e o habil buril de Pastor, que collaboraram nos primores da nossa gravura, fixam com um relevo muito superior ao da minha pobre penna, um aspecto d'essa fabrica excepcional, que nos dá á entrada, por entre os flexuosos meandros do seu jardim caprichosamente delineado, esmaltado de flores, engastado de faianças, copado de arvores, impregnado de perfumes, uma vaga sensação de paraizo, e que nos dá lá dentro, ao cairmos no *tohu bohu* das machinas, movendo as suas collossaes engrenagens, colhendo o tosco barro inculto e metamorphoseando-o, em um abrir e fechar d'olhos, em argila macia e alva como a cera, empolgando o vidro e

Mas este inferno da industria em plena actividade, que faz medo á força de causar espanto, não tem nada de commum com o averno, cantado em versos peregrinos pelo genial florentino.

Aqui não ha os gemidos, o *ranger dos dentes* dos condemnados da morte; o que resoa sonoramente ao longo das officinas povoadas de operarios, atravessadas de lado a lado por uma impetuosa febre manufactureira, agitadas de um movimento ininterrupto, palpitando da fecunda iniciativa, e da luminosa intelligencia que as dirige e as impelle, é como que o hymno do trabalho, cantado pelos victoriosos da vida!

O edificio da fabrica, construido no estylo japonez, homenagem prestada pela ceramica nacional á incomparavel ceramica chineza, com a sua elegante e risonha fachada, engrinaldada de duas enormes hastes de malvariscos, pintados pela eximia artista, D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro; o tecto da primeira galeria, destinada á exposição dos *specimens*, marcados com os respectivos preços, onde Columbano affirmou mais uma vez a sua inquestionavel originalidade, (rebelde a formulas, a convenções e a processos hereditarios), em um soberbo quadro allegorico, predispõe-nos para o assombro que desperta em nós a exuberancia, verdadeiramente phantastica, de todos esses innumeros productos fabricados no barro caldense e vincados pela *griffe* de um talento inexgotavel!

Os desenhos de Raphael, fulgurantes do brilho da sua imaginação de poeta, habitada por todas as luminosas e aladas visões descidas do aureo paiz da chimera, desdobram-se dia a dia em novos prodigios.

As curvas, os angulos, as linhas lançadas em labyrinthicas digressões atravez do imprevisto, do inarravel e do maravilhoso, executam toda a sua complicada e infindavel orchestração.

Desde o reino vegetal até ao reino animal, tudo é aproveitado, tudo é reproduzido, tudo é idealisado por essa estranha concepção de um artista portuguez, susceptivel, pela complexidade do seu talento, pela superior cultura do seu espirito e pela sua singularissima actividade, de levantar-se á evidencia de um artista universal.

A par da multiplicidade de desenhos, que o barro recebe docilmente sob as mãos dos operarios, mãos leves e delicadas como as de uma mulher, bordando na argilla rendas e filigranas tenuissimas, admiramos a novidade dos esmaltes, dando-nos um variado e lindissimo mosaico, a começar no lapis-lazuli e a acabar na agatha, sulcada de veios primorosamente esbatidos, e na esmeralda, de um verde cheio de luz e de transparencia.

Nos modernos serviços de meza, nos *tête-à-tête*, etc., sente-se ainda a accentuada originalidade de Raphael Bordallo, fugindo á imitação e apresentando sempre uma idéa, uma forma, um traço rapido e gracioso como um vôo...

Todas essas perolas sem preço, semeiadas a plenas mãos no fragil barro, quebram-se e desfazem-se, como a argilla de que são formadas, ao menor contacto!...

E tem uma pessoa a ambição ruinosa de querer possuil-as, modeladas na rija curvatura do marmore ou no imperecivel contorno do bronze.

As esculpturas, destinadas ás capellas do Bussaco, tarefa grandiosa, pouco mais do que encetada, constituem um dos mais irresistiveis attractivos que se nos deparam na fabrica.

Os vultos do Christo, dos discipulos e escribas, dos phariseus, tratados com o largo vigor e a altiva e impetuosa força de um esculptor de raça, são, entre todas as obras de Raphael Bordallo, aquella que definitivamente consagra o seu nome glorioso!

——

UMA ALAMEDA DO BOSPHORO

E' á sombra d'aquellas alamedas, sob a ramada d'aquellas arvores luxuriantes, n'aquelle solo que se atapeta de mil flores, em volta d'aquella fonte de marmore, dourada e da mais elegante architectura, é, emfim n'aquelle paraiso do Bosphoro, a que chamam *Ghack Son*, *Agua azul dos ceus* ou *Doces aguas da Asia*, que as mulheres turcas, gregas e armenias, e os homens de todas as partes do mundo vão passeiar nos dias santificados.

A' roda da fonte, ao abrigo do docel formado pela ramagem dos arvoredos, sobre a relva que atapeta o chão, estendem-se

UMA ALAMEDA DO BOSPHORO

nas gregas encantam e fascinam os olhos dos velhos turcos. Musicos arabes e armenios agrupam-se em volta dos carros dourados das sultanas, e repetem, com um exito cada vez mais feliz, por parecer sempre novo, as suas arias sem sabor e monotonas.

O que ali se passa, que o digam os felizes d'aquelle paraiso.

TORRE DE MENAGEM DE VINCENES

Vincennes é uma villa do departamento do Sena, a 5 kilometros de Paris.

E' notavel pelo seu magnifico bosque, que dizem existir desde o seculo V.

E' rodeada de muralhas.

Filippe de Valois lançou em 1339 os fundamentos do actual castello, que foi concluido por Carlos V.

Luiz XI transformou essa vivenda real em prisão do Estado, cuja applicação lhe foi dada até 1784.

O grande Condé, Diderot, e Mirabeau ali foram encerrados.

Napoleão tornou-o de novo em prisão do Estado.

Foi n'este castello que fusilaram o duque d'Enghien, em 1804.

Em 1813, o castello tornou-se uma fortaleza.

Ultimamente era deposito d'artilheria. As suas fortificações são muito importantes.

A nossa gravura representa a Torre de menagem de Vincennes.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

ELETRICAS

A's direitas ao principio, ás avessas quadrupede — 1
A's direitas ave, ás avessas no campo — 2
A's direitas e ás avessas na egreja — 2
A' direitas come-se, ás avessas puxa-se — 2

Novissimas

O adverbio, é doce, por ser mulher, e flor — 1 — 1 — 2
Quadrupede, ave, e constellação — 3 — 2
A pesquiza, na musica, é tecido — 2 — 1
A mulher, fluctua, nos edificios — 2 — 2
Bebe-se, come-se, mas tem defeito esta planta — 1 — 1 — 2
E' querido, da mulher, esta planta — 2 — 2

LOGOGRIPHOS

A irmã de minha mãe 1, 4, 7
Por ser muito esbranquiçada, 5, 2, 7
Entende que minha prima 5, 2, 3, 6, 7
Ao pé d'ella não val nada

Minha prima é uma flor, 1, 4, 5, 7
Sempre está a suspirar, 7, 4
E tem um nome suave,
Bonito e pouco vulgar.

Faro. M. CAROLINA CRISPIN

(POR LETRAS)

Rio de Hespanha — 2 — 11 — 6 — 1

Moinho. JOAQUIM AUGUSTO COSTA.

Decifrações

DAS CHARADAS: — Corretor — Numero.
DO LOGOGRIFO: — Splanchnographia.

A RIR

Entre tio e sobrinho:

—E' preciso, Alberto, que te decidas a escolher uma carreira.

—Sim, meu tio.

—Acho que deves dedicar-te, antes de tudo, á economia politica. E' muito util.

—Não pense n'isso. O meu ideal é viver sem politica e sem economia.

*

X... está no ultimo periodo da tisica. Manda chamar um medico e pede-lhe que o cure, visto ter a sciencia acabado de descobrir o bacillo d'aquella affecção tuberculosa.

—Nos reconhecemos o bacillo, é certo; responde-lhe o esculapio; mas não descobrimos ainda o meio de o destruir.

—E levará muito tempo?

—Vinte annos, talvez.

—Está bem; n'esse caso, esperarei.

UM CONSELHO POR SEMANA

PARA DISSOLVER A FERRUGEM

Mergulhem-se os objectos de ferro ou aço oxydados em uma solução quasi saturada de chloreto de estanho durante 12 a 24 horas, segundo a espessura da camada de ferrugem. Em seguida, lavem-se em agua, depois em ammonia e enxuguem-se bem.

PEQUENA CORRESPONDENCIA

M. C. Crispin.—A lealdade é a nossa divisa e manda que lhe digamos uma coisa: os seus decasyllabos são incorrectos. Faça v. ex.ª outra tentativa, e mande.

O talento não lhe falta; a forma é que é defeituosa e um pouco rocóco.

TOM POUCE.

OS DOIS AMIGOS

Em casa do abastado negociante Gomes, era tudo a egria e movimento. Creados desciam a escada pressurosos, em leata do que quer que fosse, á vinda de recados importantes e multiplos.

Em cima das pesadas alcatifas da Persia, corriam os sapatos de verniz das creadas graves; bules e bandejas de prata, toalhas e lençoes appareciam e desappareciam, passados de mãos em mãos até sumirem-se por detraz de um pesado reposteiro de velludo carmezim com cifra dourada, que se agitava em pregas freneticas no alto de uns batentes de carvalho esculpido.

Que ceremonia do ritual domestico se passava por detraz d'aquelle panno luxuoso?

Era simplesmente o bom successo da senhora, como diziam os creados n'uma curvatura de espinha respeitosa, alludindo a sua excellencia, a parturiente.

E medicos iam e vinham, afogueados, de calvas luzentes, limpando os oculos desesperadamente á ponta de lenço.

Por fim, o Gomes, radiante, communicou a todos a boa nova; os medicos despediram-se, toda a creadagem ainda foi deli-

de estarem ao serviço de uma casa rica. Separava-os apenas uma escada alcatifada, d'esse montão de riquezas em que um homem só se engolfava. Talvez que um pouco do seu ouro salvasse a infeliz, rodeiando-a das commodidades necessarias.

Mas quem iria lá acima, pedir qualquer coisa n'uma occasião d'aquellas?

E da bocca do pobre guarda-portão, sentado tristemente á cabeceira da cama da esposa, não sahia um queixume

Tem alguem que se queixar de ser pobre?

Não.

N'isto, a parteira, aterrada com o aspecto que as cousas iam tomando, reclamou um medico. Veio o medico do monte pio, e a creança foi extrahida a ferro.

A mãe morreu, quasi sem ter consciencia do que se passava em roda d'ella; a parteira ergueu-se indifferente e saiu atraz do medico, deixando o pobre homem só, com a creança nos braços.

O olhar que aquelle homem, sem testemunhas, no fundo do seu quarto miseravel, lançou sobre o pobre ente que a natureza mãe punha sob a sua protecção, para elle lhe dispensar os mesmos cuidados, que alguem havia quarenta annos, lhe tinha egualmente dispensado, foi profundo.

Todo o infinito amor de pae, esse mysterio psychico, se lhe levantou n'alma. E atirou se de joelhos, orando com uma fé vivo e inabalavel. E sentiu-se mais animado.

—Deus é grande! murmurou elle, poisando as pontas dos seus labios carnudos na tez de setim rosa do recemnascido.

E animado por estas palavras que o echo repetia, depositou a creança em cima da cama e saiu em procura de uma ama.

*

Crescia a olhos vistos o beleguim do pequeno em casa da ama, e só no domingo lhe era permittido vir passar o dia com o pae.

Não tardou o patrão d'este em saber da existencia do pequeno e achando-o petulante e vivo e meigo e sabendo da coincidencia do dia do nascimento d'ambos, permittiu que o menino Henrique, seu filho, brincasse no jardim com o João, filho do porteiro.

Os dois pequenos deram-se bem, e d'ali em diante foi uma folia louca, que punha em debandada as borboletas, as pombas e os gatos.

Quando elles ambos, a cavallo n'uma canna, davam cargas a fundo nas extensas alas do jardim, chegavam a inspirar terror ao jardineiro, que os excommungava *in petto*.

Ambos, o Henrique e o João, o rico e o pobre, viviam embebidos n'essa suave amizade fraterna que doira a juventude. Um, não podia passar sem o outro—completavam-se.

Chegou, porém, o momento fatal em que era necessario entregar aquellas cabecinhas ao algoz da instrucção primaria, envial-os para o matadouro da innocencia, e o Gomes mandou o filho para o melhor collegio da capital, um collegio caro, chic, ostensivo, de gente rica.

E' claro que o humilde filho do guarda-portão não tinha lá cabida. Deus do céo! era isso possivel?!

Logo nas primeiras ferias que o Henrique veio gosar a casa, o João conheceu-lhe uma differença notavel. Havia já n'aquella alma quasi em botão o conhecimento sufficiente da distancia que os separava.

Foi então pela primeira vez que o João reparou em si, no seu fato, nas suas unhas e no seu cabello, comparando tudo isto com a elegancia e opulencia do Henrique, o qual affirmava andarem todos os meninos da sua escola *tão bem* vestidos como elle.

—São todos filhos de gente rica! accrescentava com um desdem olympico

Pela primeira vez o João curvou a cabeça humilhado, diante do seu amigo, e pondo-se a estudal-o silenciosamente, um relampago se lhe fez n'alma. Os seus condiscipulos, na escola pobre onde elle andava, não lhe diziam d'aquellas cousas desagradaveis.

—E' que são todos pobres como eu, murmurava o João com os seus botões.

D'alli em diante, todas as vezes que o Henrique vinha passar [illegible] a companhia [illegible]

sa, obtendo distincções, ao passo que o Henrique foi reprovado em toda a linha.

Foi uma retumbante victoria que decidiu do futuro do filho do porteiro por um d'estes golpes d'estado domesticos, tão peculiares na vida commum.

E' claro que o Gomes pae, como um verdadeiro negociante, tendo calculado todas as probabilidades de exito:—o melhor collegio da capital, os melhores explicadores, os melhores livros, a mais sadia alimentação, os mais hygienicos exercicios, a maior vigilancia,—e vendo que tudo isso dera um resultado negativo, quiz saber do seu porteiro que mysterioso philtro elle empregára, para o João brilhar de tal modo

O porteiro, cujos olhos de lynce provenientes do amor paterno, tinham ha muito percebido o que se passava nas relações dos dois rapazes, cedeu a um bocadinho de orgulho legitimo e achando impertinente a pergunta singular do patrão, respondeu-lhe:

—O meu filho, effectivamente, valeu-se de um meio seguro para triumphar, mas para o qual eu não contribui de modo nenhum.

—E qual foi esse meio? perguntou o Gomes ancioso.

—Foi a sua intelligencia.

Uma bala que caisse aos pés do Gomes, não o deixaria mais petrificado de espanto.

—Com mil bombas! Isso quer dizer que o rapaz é um burro! Vou desancal-o.

E voltando as costas ao porteiro, dirigiu-se ao quarto do menino, mas á vista d'elle perdeu toda a sua colera e contentou-se em exclamar:

—Tu devias fugir.

O filho olhou assombrado.

—E porque, papá?

—Porque és um burro!

—Eu, um burro! Olhe que sou seu filho...

O Gomes não poude reprimir uma gargalhada e murmurou com seus botões:

—O rapaz não é tão tolo como parece!

E tendo, subito, uma idéa, persuadido do que a emulação metesse o Henrique em brios de estudar, disse lhe:

—Troçam-te lá em baixo. O porteiro, chama-te positivamente asno e diz que tens menos intelligencia do que o filho. Vê se te envergonhas e se pelo menos não o deixas passar adiante.

E saiu.

Descrever o que se passou no espirito do Henrique, cruelmente ferido no seu amor proprio, seria ultra-humano. Saiu como louco e dirigiu-se ao quarto do porteiro. Ahi encontrou o João sentado tranquillamente á banca do estudo. Longe d'elle, o pae contemplava-o embevecido d'orgulho e d'amor paternal.

O Henrique, livido, transtornado, cego de raiva, entrou como um furacão e pousando-lhe a mão rudemente sobre o hombro, exclamou:

—Canalha! é assim que mordes nas mãos dos teus bemfeitores? vaes ter o pago, patife!

E deu-lhe uma bofetada sonora, ultrajante.

Ouviu-se immediatamente por detraz dos dois rapazes um rugido medonho, e um homem transformado em fera pela colera, precipitou-se n'um salto de tigre sobre o Henrique, e derribando-o no chão, poz-lhe um joelho em cima do peito e deitou-lhe as mãos ao pescoço.

Tel-o-ia estrangulado se o João, dotado de uma força prodigiosa para a sua edade, não empurrasse violentamente o pae, arrancando lhe das mãos o Henrique e gritando-lhe:

—Foge, homem; senão és a nossa desgraça!

O Henrique, atordoado com a violencia do ataque do porteiro, sahiu lesto.

No dia seguinte, pae e filho eram despedidos do palacio. Principiaram então os dias de horrorosa miseria para ambos, porque ao pae era difficil achar collocação, visto o Gomes, indignado por elle ter ousado pôr as mãos no filho, não lhe querer passar um attestado favoravel.

O João, porém, não era rapaz que desanimasse facilmente. Tinha aprendido na dura escola dos filhos do povo a resistir a tudo, e para elle a parte physica da vida era uma questão secundaria. Muitas vezes ficava sem almoço, mas ia ás aulas.

Sentou praça, concluiu os seus preparatorios rapidamente, com o auxilio da caixa de pensões dos estudantes pobres e de [illegible]

pod[illegible]

o que se passava no mundo elegante e mesmo no *demi-monde*, e portanto o que era feito do Henrique. Estudante é que sabia com certeza que elle não era.

*

Afinal, depois de uma lucta insana em que o pobre rapaz consumira os melhores dias da sua mocidade, vira coroados todos os seus esforços, com a patente de alferes de engenheiros.

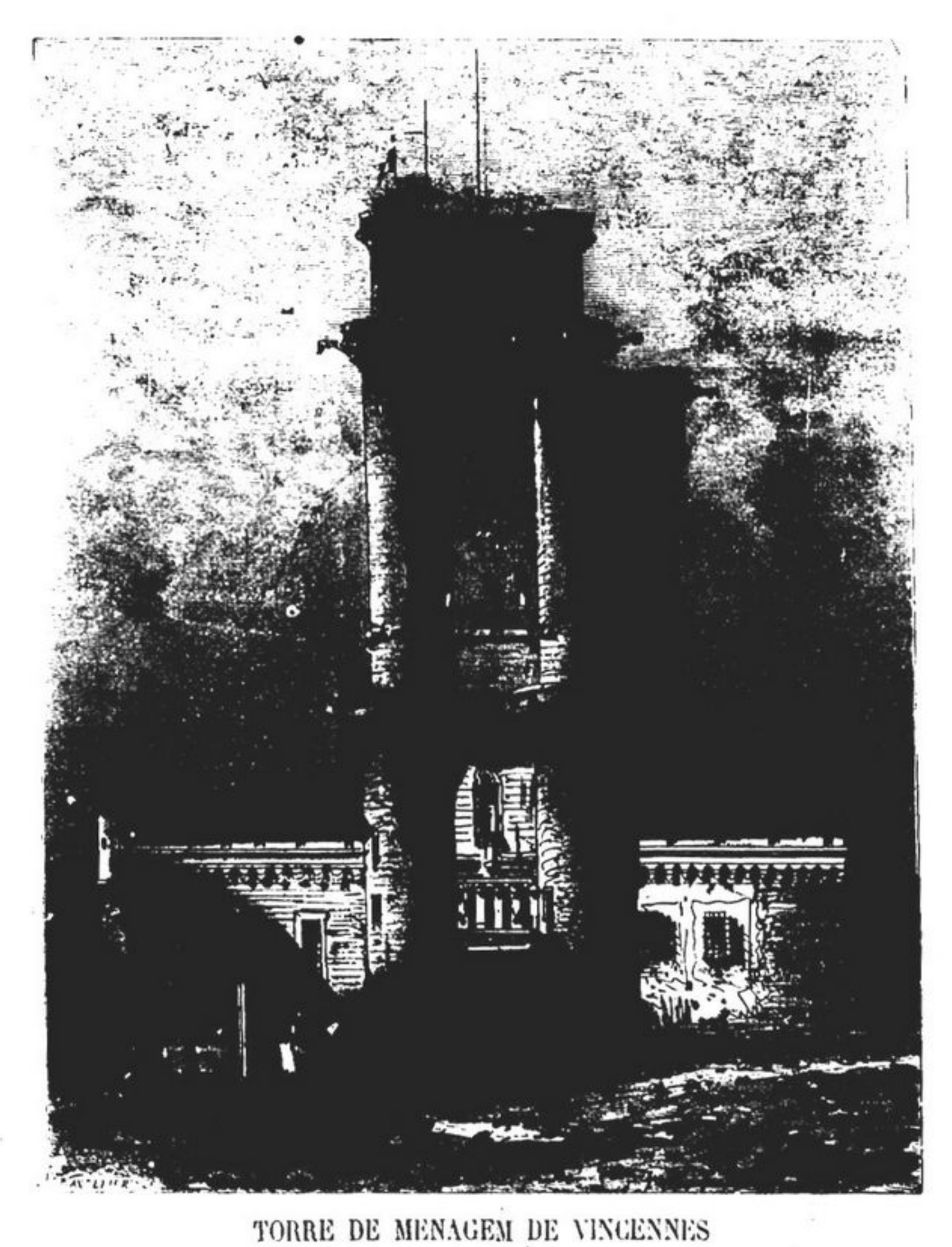
Uma noite que passava na praça de D. Pedro, viu um guarda civil que levava preso pela gola do casaco um individuo mal

O guarda civil, farejando um drama de familia, olhou para a direita e para a esquerda e soltando a mão possante da gola do casaco do Henrique, disse simplesmente:

—Meu alferes, o 66 está sempre ás suas ordens.

O official estendeu-lhe silenciosamente a mão, que o honrado agente da auctoridade apertou com respeito, affastando-se.

Então o official chamou um trem e metteu-se dentro com o Henrique, levando o para sua casa. Ali, o pobre rapaz contou-lhe como o pae tinha quebrado e fallecido pobre, ralado de desgostos; como a mãe não podera resistir á perda do luxo a que estava costumada, e que elle, não sabendo fazer cousa algu-



TORRE DE MENAGEM DE VINCENNES

trajado e ainda novo. Esse individuo chorava em fortes soluços, e o policia empurrava-o enfurecido, com receio de que suppozessem que lhe ia batendo.

O joven official, impressionado pela voz do preso quando elle respondia ao policia, approximou-se para inquerir.

O guarda, que tinha saido recentemente do exercito, apenas viu junto a si um official de engenheiros, perfilou-se delicadamente.

—Meu alferes, disse elle.

—Que é isso? Que fez esse homem?

E' um vadio, que encontrei a dormir ali assim, n'um banco da...

Mas não acabou; um grito estridente do preso interrompera-o.

—João! exclamára o vadio, cobrindo a cara com as mãos. [illegible]

ma, cheio de vicios, orgulhoso, sem aptidão para o trabalho, com a saude arruinada pelas orgias, querendo sustentar uma falsa posição, fôra vendendo algumas joias que a mãe podera subtrahir á voracidade dos credores, mas que esse ultimo recurso desapparecera havia mezes, e que vagueava de noite pelas ruas, a ver se apanhava uma esmola.

—E os teus amigos? perguntou o alferes.

—Oh! voltaram-me todos as costas, incluindo os que o eram de meu pae.

—Pobre rapaz! Pois tens aqui um logar á minha mesa e no meu quarto, emquanto não te arranjar um emprego qualquer.

O Henrique, em vez de agradecer, olhou desconfiado para todos os lados.

—[illegible]

—Teu pae!

—[illegible] Pelas [illegible] no mundo. Nas [illegible]